



Fundado no  
Sesquicentenário da  
Batalha do Seival

# O GAÚCHO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO  
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO  
SUL

## BICENTENÁRIO DE OSÓRIO

Ano 2008

Nr 52

### VIVANDEIRAS

Preciosa colaboração dos coronéis Edmir Mármora Júnior e Emílio Joaquim de Oliveira Júnior.

Em todos os tempos, os exércitos arrastaram atrás de si muitas mulheres vivendo às custas do soldado e da guerra, anexadas ao grupo, às vezes combatendo ou prestando os mais variados serviços.

Mulheres de soldados, guerreiras, esposas, amantes, companheiras, enfermeiras, comerciantes e mães, todas as dimensões de vida incorporadas em valentes mulheres que acompanhavam ou seguiam as tropas pelos mais diferentes rincões, tanto na paz como na guerra. Havia um nome que agrupava todas aquelas mulheres – as vivandeiras.

A palavra “vivandeira” tem origem no vocábulo francês “vivandière”, feminino de “vivandier”, significando a mulher ou homem que vendem alimentos e bebidas às tropas em movimento. Etimologicamente, deriva-se do latim medieval “vivanda”, isto é, víveres. A palavra francesa está registrada em textos desde o século XV. Em português, desde o século XVII. O registro da palavra vivandeira não é encontrado em muitos dicionários, inclusive naqueles especializados no universo da literatura gauchesca, onde o termo chinha muitas vezes leva a gerar confusão com o termo vivandeira.

Para Houaiss, elas são: (...) *mulher que acompanha uma tropa, vendendo ou levando mantimentos e bebidas ou membro da classe política civil que provoca desentendimentos entre os militares* (p.2875). E para Aurélio elas são: (...) *mulher que vende mantimentos, ou que os leva, acompanhando tropas em marcha*.

Sem deixar de relacionar o envolvimento da mulher junto aos soldados, principalmente quando em campanha ou nos deslocamentos, à palavra vivandeira foram atribuídos outros significados, tais como:

- as companheiras dos militares que os acompanham na guerra;
- as aventureiras que tiram proveito do ambiente guerreiro, oferecendo comércio casual, as prostitutas de baixa e alta remuneração.

Fazendo um paralelo com essas mulheres, de todos os tipos de personalidade e caráter, que gravitavam em torno dos quartéis, acampamentos e bivaques, muitas vezes trazendo problemas para os comandantes ou criando confusões por meio de intrigas e ciúmes, o termo vivandeira ganhou uma conotação política quando o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, ex-combatente da Segunda Guerra Mundial e ex-presidente do Brasil, cunhou a célebre frase: *“Eu os identifico todos. E são muitos deles, os mesmos que desde 1930, como vivandeiras alvoroçadas vêm aos bivaques bulir com os granadeiros e provocar extravagâncias do poder militar”*.

No contexto em que se inseriu a citação, o Marechal Castelo Branco se referia às pessoas do mundo político que, em determinados momentos da história, ficavam fazendo afirmações sem bases concretas (fofoca), especulando sobre assuntos polêmicos, criando armadilhas com o objetivo de incitar a classe militar a executar um golpe de estado.

Desde o momento que a expressão vivandeira foi empregada no vocabulário político brasileiro, ela passou a ser utilizada todas as vezes que os militares falam de assuntos políticos envolvendo os civis. Por outro lado, quando políticos fazem considerações em temas estritamente militares, é considerado “coisa de vivandeiras”.

*“Altivas guerreiras  
Valentes e bravas  
Aqui nestes campos,  
Não somos escravas,  
Aqui liberdade  
Só deve reinar  
Que a frente não vamos  
A homem curvar”*

(Texto 15: O Canto das Amazonas – Taveira Júnior)

As mulheres descritas no Canto das Amazonas são as verdadeiras vivandeiras, tratadas no presente trabalho, com todas as suas virtudes e defeitos inerentes às pessoas que fazem de suas vidas algo mais do que viver.

A vida de uma vivandeira é de uma nômade, sem compromisso familiar ou fugindo dele, atirava-se na aventura de acompanhar as tropas vendendo coisas úteis aos combatentes, trocando amor ou, simplesmente, oferecendo-se para o “uso” de um soldado como forma de proteção.

Essa permanência da mulher junto aos combatentes vem de tempos muito antigos, sendo alternada entre proibições, repressões e tolerância.

A presença de vivandeiros e vivandeiras tornou-se tradicional. Assim, os exércitos, no tempo das Cruzadas, principalmente no apogeu de Carlos Magno, eram sempre acompanhados de comerciantes encarregados de suprir as necessidades da tropa.

Nos exércitos de Napoleão, os correeiros, sapateiros, armeiros, alfaiates ou músicos, todos contratados, podiam seguir a tropa, na cauda da coluna, com uma carroça atrelada. A esses vivandeiros era permitido, também, o acompanhamento de suas mulheres, que tinham a obrigação de serem úteis à tropa, como remendeiras e lavadeiras, e manter em bom estado a roupa dos soldados. O desenvolvimento dessa atividade de vivandeiras e vivandeiros criou uma certa dependência logística da tropa em relação a eles.

Com o tempo, o segmento feminino passa a fazer parte desse cotidiano militar. Esposas de soldados acompanham seus maridos e, além disso, um sem número de mulheres, anônimas e populares, vai incorporando-se e desfilando suas vidas ao longo do deslocamento

militar, oferecendo todo o tipo de serviço e chegando, inclusive, a exercer atividades típicas dos combatentes, empunhando armas e lutando ombro a ombro com eles.

Aventura, comércio, amor, sobrevivência, proteção, enfim são vários os motivos que as levavam a se lançarem nessas jornadas impensadas.

O crescente efetivo de vivandeiros produz seus reflexos na logística. Ocupam indevidamente carruagens e carros destinados aos víveres e fornecimentos da tropa. Constituem, além disso, outras tantas bocas suplementares a alimentar, gerando problemas de reabastecimento dos exércitos.

Restrições começaram a ser estabelecidas. Em determinados períodos, o número de mulheres empregadas na lavagem e na venda de víveres chegou a ser limitado. Para esse trabalho, normalmente eram escolhidas entre as cidadãs de boas maneiras, casadas com soldados ou sargentos do serviço ativo, reconhecidas como as mais ativas, mais úteis às tropas e de boa conduta. As inúteis eram expulsas para além dos postos.

Por outro lado, restava o recurso do disfarce masculino, considerado hoje pura fantasia, mas utilizado, em muitas circunstâncias, com êxito, por raparigas decididas, que conseguiam, vestidas de soldados, seguir um marido ou amante, ou simplesmente partir em busca de aventura.

Mesmo com as restrições impostas, elas continuavam a demonstrar coragem e dedicação aos combatentes. Em alguns casos levavam a aguardante aos militares no campo de batalha, durante a ação mais arriscada, sem aceitarem qualquer retribuição. Concediam facilmente créditos aos clientes infelizes e, nos dias de batalhas mostravam-se piedosas com os feridos, fazendo curativos e reconfortando-os. Davam a luz pelo caminho, continuando a caminhada com um bebê nos braços. Nunca essas mulheres conheceram a doença. Não tinham tempo para isso. Quando se restabelecia a paz, ficavam na caserna ou no acampamento, e aqueles que nos campos encontravam, até nas mais feias, qualquer coisa de gentil, as ignoravam.

Um sem número de personagens femininas desfila ao longo da formação da nacionalidade brasileira. As chinas, as índias, as curandeiras, as cativas ou as negras, personagens marginalizadas e excluídas, possuem características parecidas. Junto a nossos combatentes, fizeram parte das Guerras Platinas, da Revolução Farroupilha, e de forma expressiva na Campanha do Paraguai. Há, ainda, as andarilhas, casadas ou amasiadas com soldados, que se incorporaram à Coluna Prestes, enfrentando o preconceito dos próprios companheiros. Elas figuram também na saga do cangaço, participando, direta ou indiretamente, no árido nordestino, da formação e da vida do grupo de Lampião.

Essas intrigantes e singulares vivandeiros eram alegres e debochadas, sérias e furiosas, amantes despudoradas, valentes. A presença delas é sentida em quase todos os conflitos internos brasileiros. Elas são mulheres guerreiras, amantes, mães de muitos filhos, todos nascidos ao longo das intermináveis marchas, e que cresciam, filhos de muitos homens, durante o tempo que duravam as guerras e que tinham, como elas, seus destinos ligados, de forma inexorável, à realidade das batalhas e dos massacres.

Protagonista ou não, famosa ou anônima, protegida ou marginalizada, percebe-se um número diversificado de personagens femininas, com seus destinos peculiares, que acompanharam ou participaram do cenário por onde marcharam os grandes exércitos, em territórios adversos e inóspitos para elas.

A historiografia oficial deixou de iluminar seus espaços escondidos, indignos e muitas vezes miseráveis. Ainda assim, imersas numa multidão de outras mulheres, como personagens grandiosas e inesquecíveis, elas se impuseram.

Joana Galvão, a guardiã do Sacramento (1680); Maria Quitéria, heroína da Independência do Brasil; Anita Garibaldi, que embarcou de corpo e alma na Revolução Farroupilha; Florisbela e Chica Biriba, ignoradas e arrojadas combatentes na Guerra do Paraguai; Cabo Toco, da revolução de 1923; Ana Nery, primeira profissional a se dedicar a enfermagem no Brasil. São apenas alguns nomes cuja riqueza e complexidade dos atributos permitem entender a postura firme e a dedicação de marcantes figuras femininas, nossas vivandeiras, e o seu destino fatal de oferecer sua vida em sacrifício no campo de batalha.

Sofredoras, heroínas, enfermeiras, esposas, amantes de soldados e, sobretudo, da aventura, assim eram as vivandeiras.

Reconhecendo o valor do segmento feminino, constata-se que os exércitos, que “arrastavam atrás de si muitas mulheres vivendo as custas do soldado e da guerra”, atualmente recebem um expressivo número de mulheres, não vivandeiras, mas legítimas profissionais militares que, hoje, por vocação, integram as forças armadas de vários países.

Nas Forças Armadas, as mulheres estão em igualdade de condições com os militares do sexo masculino dos mesmos quadros a que pertencem. Além disso, estão sujeitas a todas as características inerentes a profissão militar. Todas recebem a mesma instrução militar básica ministrada aos homens. Pilotam aviões e participam de marchas, acampamentos, exercícios de tiro, jogos de guerra e manobras logísticas, dentro de suas especialidades.

*Altivas guerreiras, valentes e bravas*, elas enfrentaram resistências, mas conquistaram o seu espaço.

Edição:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel  
Vice-Presidente da AHIMTB/IHTRGS  
Delegado da AHIMTB/RS  
Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara  
Porto Alegre  
lecaminha@gmail.com